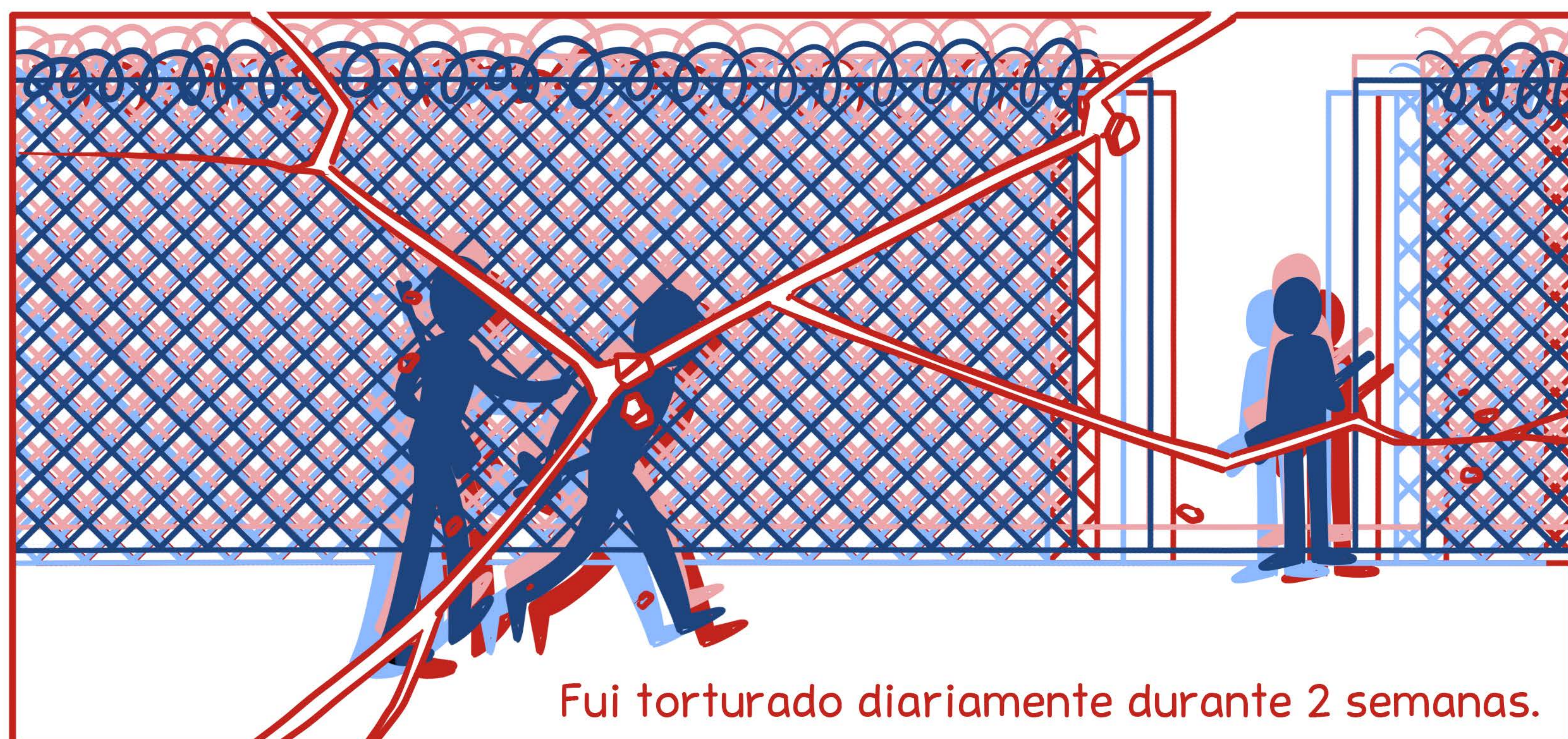




A minha vida estava em perigo.

Ninguém me podia proteger,
nem mesmo a polícia.





Um dia vi uma oportunidade de escapar e fugi. Tive muita sorte.

Com alguma ajuda, cheguei à Argélia, onde viver era muito difícil.

Confiei em pessoas que me enganaram.

E fui vendido como escravo na Líbia.

Esperava humanidade, esperava que as pessoas se ajudassem entre elas. Em vez disso, fui enganado vezes sem conta.

Sempre que confiava em alguém, enganavam-me.

Exceto o meu tio.

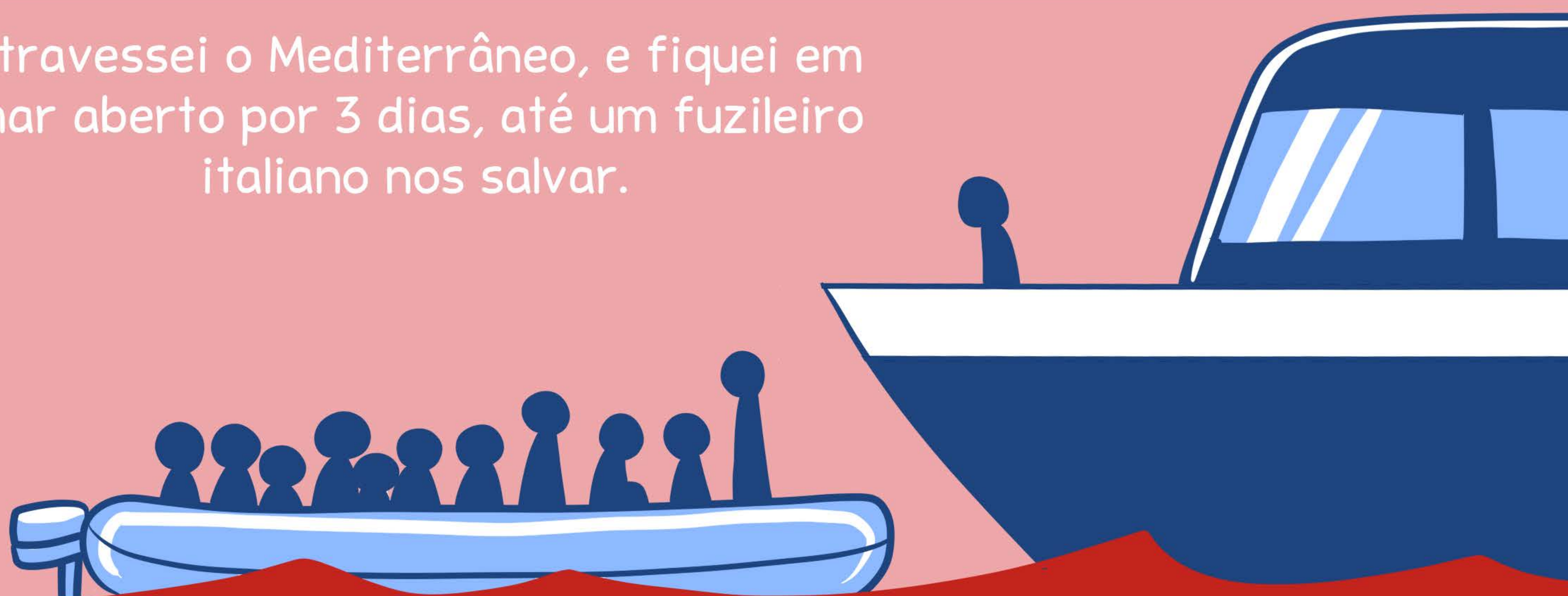
Ele foi o único que entendeu o perigo que corria em Mali e me ajudou a escapar originalmente.



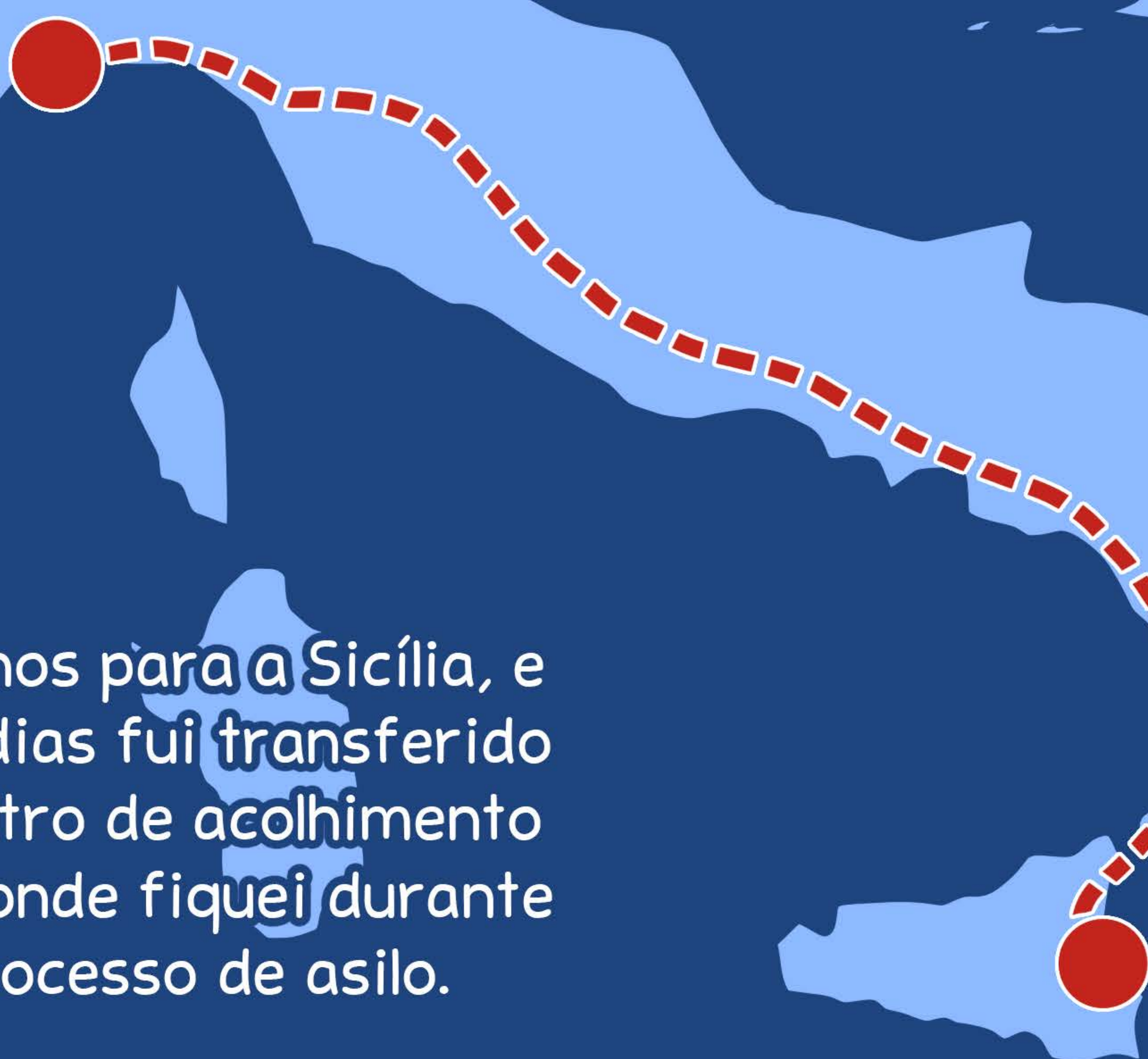
Para deixar a Líbia, não podia contar com mais ninguém.

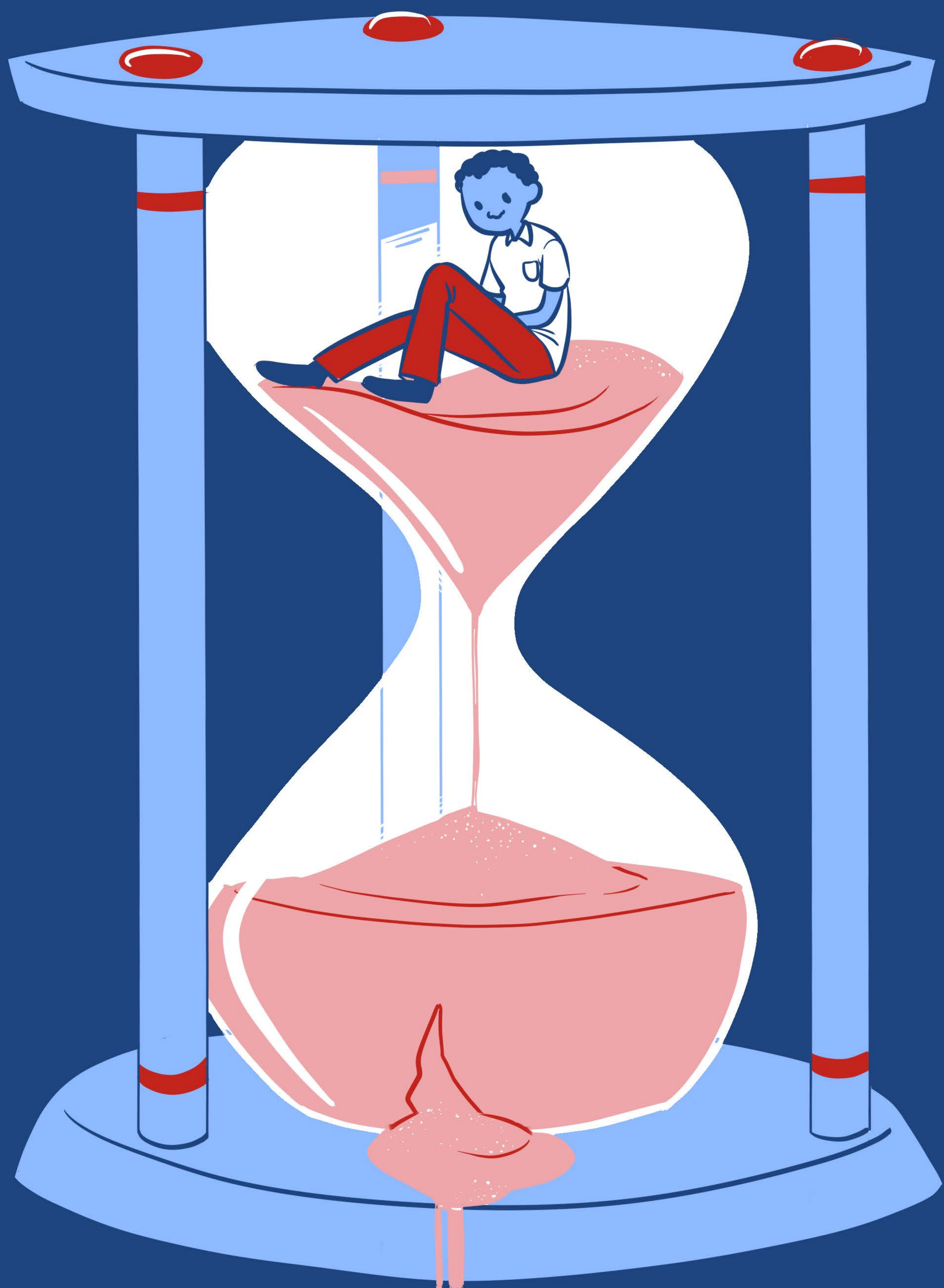
Mas consegui escapar.

Atravessei o Mediterrâneo, e fiquei em mar aberto por 3 dias, até um fuzileiro italiano nos salvar.



Trouxeram-nos para a Sicília, e depois de 2 dias fui transferido para um centro de acolhimento em Génova, onde fiquei durante todo o processo de asilo.





Durou um ano e meio.

Quando for possível, gostaria de regressar ao Mali. É verdade que tenho uma vida aqui, mas sentirei sempre falta do meu país.

Mali sempre foi para mim sinónimo de beleza e harmonia.



Agora é só guerra e conflito.

A minha força vem da minha irmãzinha.



Desde que deixei o meu país,
a ideia de abraçá-la de novo
foi o que me fez continuar,
o que me deu força.

Acho que tive sorte. Há
pessoas que ainda suportam
dificuldades severas depois de
anos e anos.

Antes da pandemia,
sentia-me instalado na Itália,
integrado e seguro. Agora a
vida é muito difícil.

